



Na véspera das eleições até as "fôrças-vivas" têm ternuras para o operariado

O órgão das fôrças vivas assumiu ontem uma desinteressada, atitude de defesa da classe trabalhadora—defendeu-a dos políticos. Sóvou desalmadamente os políticos, os patifes que andam a intruzar o operariado para lhe comere os votos e... borarem-lhe no anzol...

O papeluco que ainda na véspera lançara contra o operariado os piores insultos, bolsara as mais repugnantes teorias fazendo o jôgo dos políticos que mais têm perseverado os trabalhadores, ontem estava manso como um cordeiro e aplaudia a severa crítica que dias antes fizéramos a todos os elecio-rios nos quais incluirímos os da União dos Interesses Económicos.

Todo ternuras, todo carinhos paternais, o órgão da U. I. E. dava bons conselhos ao operário português que, por gentileza, qualificou de melhor do mundo. Não se esqueceu de acentuar bem que os políticos profissionais são uma fauna perigosa constituída em regra por indivíduos que faltaram nas profissões úteis. São "advogados e médicos sem clientes, jornalistas sem gramática e sem público, marcheiras e chefes sem soldados, literatéis a dez tostões a giro, tudo isto de mistura com algumas firmas já faliadas nos vários ramos da actividade social."

E' curioso que lá pela U. I. E. também se encontram alguns advogados sem clientes e pseudo jornalistas de duvidoso brio profissional. E então palradores; "papagaios loucos empoleirados" nos interesses da nação existem por lá e de sobejos.

Mas não podemos deixar de registar esta clara visão do *Seculo*. Realmente a crítica que ele faz aos políticos provém duma observação sagaz e aturada, confirmado duma maneira absoluta o que, por nossa vez, temos dito sobre o assunto. O que nos admira é que o *Seculo* não tenha observado com a mesma lucidez os actos revoltantes praticados por esses políticos que tão bem define, contra o povo trabalhador. Se elas são incompetentes e nulos, porque os aplaude quando se lançam numa fúria perseguidora sobre os operários de quem se mostra tão amigo? Porque aplaudiu as deportações sem julgamento—obra nefasta de traição às leis da república e da humanidade?

Porque motivo incita o governo a manter essas deportações, sabendo que os deportados, cujas culpas nem tribunal apreciou, estão tombando vitimados pelo mortífero clima?

Porque não soltou ainda um brado de revolta contra os espancamientos bárbaros de operários. que ocorrem cotidianamente nas esquadras policiais?

Porque defende os interesses dum comércio que rouba o trabalhador, duma indústria que explora operários e escraviza mulheres e crianças, duma finança que de "escroquerie" em "escroquerie" levou o país à ruína e à mais pavorosa desordem económica?

Sim, porque motivo manifesta o *Seculo* tão boa vontade em arrancar o operariado às garras dos políticos e não manifesta idêntico desejo de livrá-lo das garras não menos cruéis do capitalismo?

A *Batalha*, como porta-voz da classe operária portuguesa, agradece reconhecidíssima o carinho de O *Seculo* e espera que ele comece lá por casa a aplicar a sedutora doutrina que veio impingir-nos...

INSTRUÇÃO

Escola Industrial de Fonseca Benavides

Sendo domingo o dia 20 do corrente, marcado na lei para fim do prazo da matrícula nas Escolas Industriais, podem matricular-se ainda segunda-feira, 21, das 13 às 16 e das 20 às 22, os indivíduos dos dois sexos, que pretendam frequentar os cursos, professados nesta Escola, de serraleiro mecânico e civil, condutor de máquinas, modista de vestidos e roupa branca; modista de chapéus, florista e operária de arte aplicada; bordadeira e rendeira.

Estão em organização na mesma Escola os cursos de carpinteiro de moldes e de fundição.

A matrícula custa apenas 4000 anuais. Na secretaria da Escola, rua de Santos, 112, prestam-se os necessários esclarecimentos.

O dr. Amâncio de Alpoim afirmou ontem na sua conferência que a biliosa não se compadece de razões nem espera que se resolva o regresso dos deportados

A conferência sobre as deportações dos operários para a Guiné, feita pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim e que estava marcada para as 9 horas, não pôde ser efectuada a essa hora em virtude da polícia ter proibido a sua realização.

No entanto, depois de várias "démarches", sempre foi consentida. A sala estava repleta.

O dr. Amâncio de Alpoim, depois de resumir em poucas palavras o fim com que vinha ali falar aos trabalhadores, afirmou a-pesar-de tudo o que pareça a reacção das classes trabalhadoras, perante os crimes dos governantes, não tem correspondido às circunstâncias.

Os trabalhadores vivem dentro do ambiente económico que os esmagia. E qual será o protesto de que elas se poderão servir no actual momento? Por uma greve geral? Impossível. Na época presente, os trabalhadores não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O trabalhador sabe que o país atravessa uma grande crise, mas não tem força para se impor.

Mas é preciso agir: a bem ou a mal, haja o que houver é necessário que o operário se decida perante este dilema: ou acabar com esta República burguesa ou voltar para uma monarquia tão burguesa como esta. Porque afinal entra esta Santa República e a Monarquia que desapareceu o diabo pode escolher...

E' necessário que o povo tome bem cuidado no caminho que vai trilhando: se a monarquia volta a Portugal, não julguem que nos encontrariamos perante uma monarquia liberal e consciente como a da Inglaterra, a da Dinamarca ou a da Bélgica; temos uma monarquia de opressão e de exterminio para as massas trabalhadoras!

A cada reclamação o trabalhador fâmito obteria a religião como narcótico e a esperança como processo terapêutico. Eis o futuro que esperaria os trabalhadores da nossa terra.

Porque é que o trabalhador não se preocupa com o melhoramento desta República? Porque consente — mais ainda — porque ajuda com a sua indiferença criminosas, a condenação à morte de 40 companheiros que julgamento?

Se aos políticos da nossa terra só o voto lhes interessa porque não castigam, os trabalhadores, os que os perseguem e não ajudam os que os não perseguem?

Como o orador nesta altura incida a sua palestra sobre a necessidade do voto, alguém na assembleia interrompe-o. Há uma breve troca de palavras, que obriga o dr. Amâncio de Alpoim a pregar:

—Mas que outro processo haverá para salvar os deportados?

A mesma voz—Pelas armas!

—onde estão elas?—continua o orador.

Segundo o fio do seu discurso: O processo da greve geral já foi tentado e não deu resultado.

O que não está bem harmonia com quer seja é subir as escadas dos ministérios mendigando a sorte dos revoltados! (muitos aplausos).

Não se comprehende que, scientes da força que possuímos, nos rebaixemos a fazer

salir os deportados?

Quererá o povo trabalhador que a Revolução caia do céu, como uma sorte grande, sem nos termos preparado para ela?

Como o orador fizesse novamente compreender a necessidade de votar nas esquerdas, alguns indivíduos manifestaram tumultuosamente, desistindo o dr. sr. Amâncio de Alpoim de continuar a sua palestra.

A assembleia aplaudiu o orador.

Foi tirada uma quete a favor dos presos que rendeu 123\$00.

Como é um facto que o tenente Abela talvez não conheça e que completa o relato da fuga do tenente-coronel Raul Esteves para a Legião da América, quando da revolução de 19 de Outubro:

Como alguém lembresse que ele não estaria muito seguro naquela Legião em virtude de não se ter apagado da memória do povo a célebre frase do ministro daquele nação — Sidónio é grande demais para um país tão pequeno — Raul Esteves aceitou o convite de refugiar-se numa loja de barbeiro da rua do Alecrim, onde heróicamente se conservou durante todo o dia 20 de Outubro.

Sen comentários.

Como étes se condõem...

Em poucas indústrias a exploração exercida sobre menores é tão revoltante como na de lanifícios.

Durante muitos anos, a-pesar dos fartsos proventos que lhe proporcionou, os indústrias nunca quizeram saber da situação de milhares de crianças que ali se definham diariamente. Agora que uma crise grande obriga a encerrar algumas fábricas, os industriais em alguns jornais da grei cantam o sofrimento das crianças de quem mentiriosamente se condõem. Há dias O *Seculo*, numa carta aberta ao ministro das Finanças, tocava a mesma tecla. Para essa refinada especulação chama-nos a atenção um nosso leitor, numa interessante missiva que nos dirigiu. Nela vê o autor toda a

sua indignação contra o manejo dos industriais, manejo altíssimo seguido sempre que o ensino lho proporciona. O pior é que é já não pega, tantos têm sido os artigos de que elas lançaram mãos para conseguirem os seus designios

abaiado-assassinados aos ministros! (aplausos prolongados) Temos que nos defender das nossas mãos!

Noite de 18 de Abril—história o orador—quando do movimento militar, cujo julgamento se está fazendo no salão do Risco, julgamento este em que cada palavra é uma vergonha e cada gesto uma denúncia, não houve armas para distribuir ao povo. Não basta saímos daqui com um grito nas brios, desejando que as armas apareçam nas mãos dos trabalhadores! O comício público também não basta!...

No entanto, depois de várias "démarches", sempre foi consentida. A sala estava repleta.

O dr. Amâncio de Alpoim, depois de resumir em poucas palavras o fim com que vinha ali falar aos trabalhadores, afirmou a-pesar-de tudo o que pareça a reacção das classes trabalhadoras, perante os crimes dos governantes, não tem correspondido às circunstâncias.

Os trabalhadores vivem dentro do ambiente económico que os esmagia. E qual será o protesto de que elas se poderão servir no actual momento? Por uma greve geral? Impossível. Na época presente, os trabalhadores não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno político, a ação dos governantes que não poderiam sust

A vida e as obras de Pedro Kropotkin descritas por Adrian del Valle

Para que o seu físico se não abale, faz exercícios diários servindo-se dum pesado banco e caminhando dum ângulo ao outro da cela; e como meio de entretenimento mental, imagina os argumentos, as descrições e ainda os diálogos dum a série de novelas de carácter popular que procura reter na memória, pois não lhe é permitido o escrever.

Por esforços do seu irmão Alexandre e solicitação da Academia de Ciências, a poucos meses da sua prisão, o imperador concede-lhe que possa escrever até ao pôr do sol para que complete um informe que devia dirigir à Sociedade Geográfica. Como esse trabalho, especialmente a descrição das suas explorações na Finlândia, devia conter uma exposição dos principios, sobre os quais fazia assentar a hipótese glacial, permitiu-se que a Academia de Ciências lhe facilitasse os livros e mapas de que necessitava. A obra, uma vez terminada, chegou a formar dois grossos volumes.

Terminado o seu labor diário de produção científica, dedicava-se à leitura da história e de novelas, sem descurar o exercício físico.

O que mais o entristecia era o silêncio que reinava em seu redor, pois ainda os carcereiros tinham a instrução de não lhe falar nem responder às suas perguntas. Durante os quinze primeiros meses em voga fez chamadas, golpeando o solo e as paredes para comunicar com os outros presos. Só de tarde em tarde se lhe permitia uma breve entrevista com os seus irmãos Alexandre e Helena, na presença dum oficial da polícia.

Rude golpe moral recebe com a notícia de que seu irmão Alexandre fôrás preso e deportado para a Sibéria.

No verão de 75 cessa o seu isolamento. Na cela contígua está recluso o seu amigo Serduff e na situdada por baixo um camponês que em breve enlouquece. Com ambos estabelece comunicações diárias por meio de cifra.

Certo dia recebe a visita do grão-duque Nicolau, irmão do czar. Afectando interessar-se por ele, busca fazê-lo falar acerca do trabalho dos náufragos, e ao ver que o não conseguia, sai bruscamente.

Ao findar o segundo ano do seu cativeiro, a sua saúde ressente-se.

Em Abril de 76, tendo terminado a terceira secção o sumário preliminar e passando o processo à autoridade judicial, Kropotkin é transferido, com outros presos, para

A-pesar-dos ardós da "Samorens" e das subtilidades do padre Tobias, a escola de Samora Correia tem que construir-se custe o que custar

Tivemos há dias as provas bem frisantes de que a Samorens ainda nem pensou, se quer, que lhe assiste o indeclinável dever de construir uma escola em substituição daquela que alapardou debaixo dos muros das suas instalações.

Nunca "memorandum" da administração perguntava o Século, cheio de ingenuidade e candura, se a obra da nova escola já estava muito adiantada. Por sua vez o padre Tobias informa que esperam apenas que a Câmara Municipal lhes mande demarcar o terreno para que a construção comece; e a Câmara, por sua vez, espera que o ministro da Instrução lhe mande um técnico para saber que terreno é preciso. O ministro da Instrução por que esperará?

Não nos consta que o actual ministro seja "persona grata" dos moageiros; mas é bom não esquecer que foi ele que falou 8 horas seguidas para salvar do tumulto fatal o ministro do sr. António Maria da Silva, fidalgo delegado da U. E. dentro das repartições do Terreiro do Paço.

Orá esta concatenação de circunstâncias que é conveniente ir lembrando.

A Samorens — arripiada só em pensar que tem de gastar uns 50 ou 60 contos — mas a mais numa escola onde algumas desenhas de crianças podem aprender a ler, — que ningum de Samora o esqueça — ainda não pensou em restituir a escola a este povo a quem a arrebata; e quando se lhe lança isso em rôsto, apresenta-nos cartas, muitas cartas, que, quando muito, comprovam que a Samorens gosta de estar documentada para as ocasiões; mas nenhuma dessas cartas mostra, por uma forma clara e concludente, a vontade sincera e firme de cumprir o seu dever.

Então o padre Tobias, que, a-pezar de ser ministro de Deus nestas paragens, não deixa de pregar o seu carapetão de vez em quando, é homem que vá entregar 50 contos numa obra de que ele tem a certeza de que lhe não adivinhará um centavo de lucro?

Bem sabemos que ele tem o cérebro cheio de intenções magníficas. Rico como é, ele pensa dotar esta vila, onde grangeou a sua fortuna, à custa de um insano labutar, com um asilo monumental, onde os velhinhos possam esperar a morte tranquilmente; pensa construir um grande bairro para os operários da Samorens, com casas confortaveis, higiénicas e baratas; pensa dotar os seus trabalhadores com uma bem fornecida cooperativa, onde eles possam adquirir tudo por pouco mais de nada; pensa, em desenvolver a criação de galinhas para que toda a gente de Samora Correia possa tomar a sua canja por cinco tostões, e que as apenes come galinha no dia 15 de Agosto e quando janta em casa de algum amigo; pensa em criar, com os produtos da fabrica, centenas, milhares de sifões para que os trabalhadores rurais possam aviar o alforje com o produto de meio dia de trabalho, e, sobre tudo, para que se possa falar na porcaria da Samorens, sem incorrer no desagrado dos moageiros; pensa tudo isto; mas ainda não pensou em construir uma escola, não obstante manter a contraria encerrada à sua ordem há mais de 5 anos. E, confiado na brandura dos nossos costumes e nas moralidades da nossa burocracia, ele tem quasi a certeza de que lhe chegará a ocasião de ir entregar as suas credenciais de ministro ao Criador do Ceu e da Terra; sem precisar de gastar os seus ricos 50 contos que ficarão cá para aumentar os fundos do asilo.

Ora nós estamos inclinados a crer que o sr. padre Tobias se engana nos seus cálculos e ele tem de construir a Escola, quer queira, quer não; quer goste muito, quer goste pouco. E aquilo que uma população inteira ainda não conseguiu, aquilo que as comissões políticas da vila e a Junta da Freguesia ainda não foram capazes de conseguir, havemos de conseguí-lo nós.

Sim, sr. padre Tobias: — a escola de Samora Correia há de construir-se por conta da Samorens, quer a moagem queira, quer não.

Não a largaremos sem que a obra se complete e se conclua.

Mas não se vá julgar que, lá porque a escola é feita por uma subscrição aberta no Século seja numa burla, tanto como arquitectura, como condições pedagógicas e ainda sob o ponto de vista do material empregado, a população de Samora está disposta a ver erigir no Arneiro as mesmas 4 paredes nuas que o Século fez erigir lá em cima, sem o seu mais ruidoso profissão.

Ora nós estamos inclinados a crer que o sr. padre Tobias se engana nos seus cálculos e ele tem de construir a Escola, quer queira, quer não; quer goste muito, quer goste pouco. E aquilo que uma população inteira ainda não conseguiu, aquilo que as comissões políticas da vila e a Junta da Freguesia ainda não foram capazes de conseguir, havemos de conseguí-lo nós.

Sim, sr. padre Tobias: — a escola de Samora Correia há de construir-se por conta da Samorens, quer a moagem queira, quer não.

Não a largaremos sem que a obra se complete e se conclua.

Mas não se vá julgar que, lá porque a escola é feita por uma subscrição aberta no Século seja numa burla, tanto como arquitectura, como condições pedagógicas e ainda sob o ponto de vista do material empregado, a população de Samora está disposta a ver erigir no Arneiro as mesmas 4 paredes nuas que o Século fez erigir lá em cima, sem o seu mais ruidoso profissão.

Há de construir-se uma escola que mereça este nome e não as tais simples quatro paredes que nunca deveriam servir para uma escola. E, se a Samorens teve 2.000 contos para gastar na sua fábrica, os 50 contos que supõe gastar na escola, são uma similação gosta de água nesse oceano de dinheiro.

Deixe-nos ir acordando as moscas que dormem, deixe-nos ir esgaravatando nas pedras, seguir a frase pítreos e bizarro do padre Tobias, do homem que pretendia inundar Samora Correia, e os mercados de Lisboa, de galinhas, patos e perus, que a escola há de construir-se, porque assim o quer uma população inteira, fariássima de ser ludibriada pela Samorens e seus acólitos.

Tenham paciência; mas a restituição tem de fazer.

Nem todos os ministros têm de ter ações da moagem; nem todos os funcionários do ministério se terão deixado empollar pela Samorens.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o precurso vários turnos.

O prestito fúne

EM VILA NOVA DE GAIA

Defende-se uma população de 40.000 almas da vaidade perigosa dum homem

LEIXÕES, 13.—Não voltariam a falar dos serviços de incêndio nesta vila se não fôssemos a isso levados pela «mordida» do último número de *O Monitor*. Temos a impressão de que à corporação dos Voluntários daqui vai suceder o mesmo que à sua congénere do Pórtio, dividida pelas polêmicas de um senhor comandante que foi visto um dia beijando a bandeira azul e branca no próprio gabinete do comando, e não queremos contribuir para apressar essa prejudicial desinteligência, entre os seus membros. Vemos, porém que o referido jornalista está empenhado em malquistar *A Batalha* com a corporação dos Voluntários e isso nos leva a vir aqui afirmar uma vez ainda que todo o nosso ataque tem sido dirigido, desde o começo desta questão, directamente à cabeça (?) da referida Associação onde julgamos estar o «gato»...

Para os homens que militam nos ideais da emancipação da Humanidade, são as Associações de Bombeiros as instituições mais simpáticas da actual sociedade. De facto elas provam aquelas que a cada passo nos dizem que, na sociedade futura, não havendo obrigações de trabalhar, os homens farão os serviços mais difíceis, mais anti-higiénicos ou mais perigosos, essas sociedades, diziamos, são prova de que tal não sucederá! Pois quem obriga os Voluntários a lançar-se através de chamas, sob o perigo de morrerem esmagados por qualquer desmoronamento, ou envenenados pela fumaça, quem os obriga a prestar tão heróicos serviços, senão o seu desejo de bem fazer, sem outro interesse que não seja o justo orgulho de salvar o maior número possível de vidas? Podemos pois consentir que o militarismo, o reacionarismo e a polifragia mais abjecta se ponham à frente destas tão úteis sociedades, sem que o nosso veemento protesto se faça sentir? Podemos nós consentir que a corporação dos Voluntários daqui, cujos serviços pela causa da Humanidade são tão justamente apreciados, continuem sendo dirigida (?) por um homem que é mais pronto em a levar às processões do que aos locais onde possa prestar os seus valiosos serviços? É justo que nos calemos depois de virmos escrito com tóidas as letras um jornal da vila que o senhor comandante «conseguiu que os Voluntários do Pórtio aqui não vinhambem sem que sejam chamados? Quem se lembraria de tal ideia senão um autêntico «poco de vaidades»? Que seria das cidades, é vilas populosas onde os serviços de salvação pública fossem prestados por conta-gotas como pretendente este senhor comandante?

Se a corporação tivesse numeroso material e numerosos bombeiros, ainda se admitem, mas se é verdade que tal não acontece e a área a defender é enorme, como admirar uma medida tão estúpida que revela a maior das incompetências?

Desagrada-nos profundamente recorrer ao ataque pessoal quando temos de fazer as nossas notícias para a *Batalha*.

Há porém casos, como éste da campanha de *O Monitor* em favor da seu corregidório, o sr. comandante, que têm de ser tratados por aquele sistema, tanto mais que representando (?) o sr. comandante, em tudo e por tudo, a Associação dos Bombeiros Voluntários, contra ele temos de dirigir o nosso ataque, crentes de que o mal está só nesse senhor, com plenos poderes para fazer quanto asseira lhe dê na real gana... A disciplina que obriga alguns dos membros da Associação dos Voluntários a procurar em sua casa o sr. comandante, a demonstrar-lhe o quanto sentiam ver atacar, injustamente, quem tanta serviço vem prestando à corporação a que pertence, essa disciplina, diziamos, pode ser muito para louvar pelos elementos talassas do *Monitor*, mas para aqueles que se julgam homens livres e que sabem ver as coisas com olhos de ver, essa manifestação não representa mais do que uma grande falta de respeito pela vida dos 40.000 habitantes desta região, que assim vêm colocar a sua segurança pessoal muito abaixo da vaidade de um homem que, por ter uma grande coleção de medalhas, não tem o direito de menospesar as vidas que, pode dizer-se, estão à sua mercê. A parte mais sã, pode dizer-se mesmo que «a maioria dos autênticos bombeiros de Leixões está comosco». Isso nos anima a verberar aqui a atitude daqueles que, não sabendo defender o seu carácter de homens livres, se prestaram a ir junto do homem que está a dar tão má

derá com os homens do exército do rei o mesmo que sucedeu com os rapazes de Domrémy.

«Reanimar a coragem dum exército desanimado, abatido, exaltá-lo, conduzi-lo direito ao inimigo, seja qual for o seu número, atacá-lo com audácia em campo raso ou atrás dos seus entrancheiramentos e vencê-lo, não é emprésa impossível... Se é coroada de bom êxito, as consequências da primeira vitória, reanimando o espírito dum exército desmoralizado pelo hábito da derrota, são incalculáveis...»

Estes pensamentos revelavam em Joana uma intuição profunda das causas da guerra. Ela não era, além disso, aquelas pretenciosas visionárias que esperava só de Deus o triunfo da sua causa; um dos seus riscos familiares era este: *Ajuda-te, que o céu te ajudará...* Ela praticou sempre este adágio do bom senso rústico: também, quando mais tarde um capitão lhe dizia desdenhosamente:

«Se Deus quiser expulsar os ingleses da Gália, pode fazê-lo pelo único efeito da sua vontade; não precisa de ti, Joana, nem da gente de armas.» Joana respondia:

«A gente de armas combaterá... e Deus dará a vitória...»

Aqueles três anos de obsessões misteriosas, que preludiavam a sua glória, foram para Joana um tempo de lutas secretas e atitivas; a fim de obedecer as suas vozes, a fim de realizar a sua missão divina e de dissipar de novo; estas dúvidas contudo foram diminuindo. Chegou finalmente o momento em que, não experimentando mais desfalcamento de espécie alguma, invencivelmente penetrada da divindade da sua missão, Joana resolviu cumprir-a a todo o custo, não esperando senão uma ocasião oportuna; sentindo mais do que nunca a necessidade de pôr em prática o seu adágio favorito: *Ajuda-te, que o céu te ajudará*, todos os esforços do seu espírito tenderam desde então a insinuar-se secretamente do estado das causas da Gália e a adquirir as primeiras noções do ofício das armas.

Os acontecimentos públicos e a situação geográfica do seu vale aproveitaram a Joana admiravelmente. As fronteiras da Lorena eram frequentes vezes atravessa-

MARCO POSTAL

New-Bedford U. S. A. — M. B. Pita — Recebemos e agradecemos os novos assinantes para a «Renovação», bem como o cheque para pagamento.

Souzel, J. Parrula — Recebemos liquidação de Agosto. Segue por estes dias a 8.ª série dos Mistérios do Povo.

Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redação, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., nos dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

— Escrever dum só lado do papel;

— Não fazer uso de tinta vermelha;

— Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;

— Explorar com clareza os assuntos que se proponham tratar, deixando para a redação os comentários que julgarmos convenientes.

— Os comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, às (notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redação guardará o sigilo de nomes.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE SETEMBRO

	11	18	25	HOJE	SOL
S.	12	19	26	Aparece	às 6,19
D.	13	20	27	Desaparece	às 13,44
S.	14	21	28		FASES DA LUA
T.	1	15	22	29	I. C. dia 4 às 11,50
Q.	2	16	23	30	Q.M. 11, 12, 13
O.	3	17	24		Q.C. 12, 13, 14

MARES DE HOJE

Praiamar às 2,00 e às 2,17

Baixamar às 7,30 e às 7,47

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	96\$00
Madrid cheque...	2886	
Paris, cheque...	93	
Suíça...	3884	
Bruxelas cheque	3888	
New-York...	1985	
Amsterdão...	8004	
Itália, cheque...	883	
Brasil...	2607	
Praga...	59	
Suécia, cheque...	5334	
Austria, cheque...	2881	
Berlim...	4574	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Politeama — A's 21,30 — O Leão da Estrela.

Ipólo — A's 21,35 — O Conde de Monte Cristo.

Eden — A's 20,45 e 22,45 — «Frei Tomás ou o Mistério da sua Sarávia de Carvalhais».

Maria Vilela — A's 20,30 e 22,30 — «Rataplan».

Casino de Sintra — A's 21,30 — Concerto pelo tenor Lapelaire.

Jurema — A's 21,30 — «irmãs e A Cilada».

Il Vicente (e Graca) — A's 20 — Animatógrafo.

Enredo — Todas as noites — Concertos e Il- versões.

CINEMAS

Olimpia — Clube Terrasse — Salão Central — Cinema Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promocional de Educação Popular — Cine Paris — Cine Europa — Chantier — Tivoli — Tortoise.

Pedras para isqueiros

METAL «AUER», as melhores da mundo. Um milheiro, 2880. Por quais, grandes descontos. Isqueiros de ferro, de madeira, de plástico, de metal, de niquelagem, duzia 2881.

Tubos fechados e abertos, râmpidas, bicos, molas, rodas doces e massicas.

Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESPINOZA, FILHO.

Rua Andreia, 46, 2.º — LISBOA.



Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pelo efeito constante da sua concreta mobilização material e física.

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política organizada, para a luta pelo desaparecimento do sacerdote e do patronato, e posse de todos os meios de produção.

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de progresso tem dado lugar a que ninda hoje se consumam em Portugal limas estranhas ao uso que se tem visto que se tem usado.

Touro, de Emilia Tome Ferreira, Ltda., rivalizam em preza e qualidade com as melhores limas do Mundo.

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

MARCAS REGISTADAS

UNIÃO

NAUFRACOS

Adrián del Valle.

Preço \$50. — Pedidos à Administração de A Batalha.

Metal Auer, assim como rodas doces e râmpidas, tubos, molas, chaminés de ferro, peças, tampos, etc. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quioscos.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (a casa que fornece em melhores condições).

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 15 desta revista intitulada «Naufracos», de Adrián del Valle.

Preço \$50. — Pedidos à Administração de A Batalha.

conhecida, dos confins da Lorena junto do rei Carlos VII, e dizer-lhe:

— Senhor, eu sou enviado por Deus junto de vós; confiai-me o comando das vossas tropas, eu porei os

Joana reflecte assim nesses momentos de dúvida, mas logo que era dissipado o seu êxtase e que ela tornava a cair na pura realidade, a pobre criança recuava diante de um abismo de dificuldades, e de impossibilidades sem número. Ela metia-se a ridículo e lastimava-se; o passado lhe parecia um sonho, e perguntava a si própria se ela não estaria louca; suplicava as suas vozes que se fizessem ouvir, as suas santas que lhe aparecessem, a fim de lhe reanimar a fé na sua divina missão. A crise de Joana tinha passado, as vozes misteriosas tinham ficado mudas, e ela julgava-se então uma miserável insensata...; no dia seguinte ou mesmo durante aquela noite, ela via caminhar para junto dela as suas belas santas, com coroas de ouro na cabeça, exalando um perfume celeste, com o sorriso nos lábios, dizendo-lhe:

— Coragem, Joana, filha de Deus!... tu lirrarás a Gália...; o teu rei dever-te há a coroa!... A hora aproxima-se! Prepara-te para cumprir a tua missão.

A jovem donzela recobrava fé na sua predestinação, até ao dia em que novas dúvidas a oprimiam e se dissipavam de novo; estas dúvidas contudo foram diminuindo. Chegou finalmente o momento em que, não experimentando mais desfalcamento de espécie alguma, invencivelmente penetrada da divindade da sua missão, Joana resolviu cumprir-a a todo o custo, não esperando senão uma ocasião oportuna; sentindo mais do que nunca a necessidade de pôr em prática o seu adágio favorito: *Ajuda-te, que o céu te ajudará*, todos os esforços do seu espírito tenderam desde então a insinuar-se secretamente do estado das causas da Gália e a adquirir as primeiras noções do ofício das armas.

Os acontecimentos públicos e a situação geográfica do seu vale aproveitaram a Joana admiravelmente. As fronteiras da Lorena eram frequentes vezes atravessa-

das por mensageiros que se dirigiam à Alemanha ou que vinham deste país; Tiago Darc, curioso de saber

notícias, como o são todas as pessoas que habitam em países afastados dos grandes centros, oferecia de vez em quando hospitalidade a estes mensageiros. Eles falavam da guerra dos ingleses, única preocupação daquelas tristes tempos; Joana sempre contida pelos olhares de seus pais, estranhos aos vastos desígnios que nela fermentavam, flava silenciosamente na sua roca, mas não lhe escapava uma única palavra das narrativas que ouvia. Às vezes, contudo, arriscava timidamente algumas perguntas aos viajantes acerca do interesse relativo à sua preocupação secreta, informando-se assim pouco a pouco. Ainda por aqui não fica: os habitantes de Vaucouleurs, pela sua resistência heróica, tinham várias vezes

A BATALHA

Conferência Nacional dos Trabalhadores Téxteis

(Trabalhos a apresentar pela comissão pró-Federação, delegada do Sindicato Téxtil do Porto)

Vai realizar-se em Santarém, nos dias 21 e 22 do corrente, a Conferência Nacional dos Trabalhadores Téxteis, assemblea de preparação do Congresso Téxtil donde sairá a federação da indústria. O Sindicato Téxtil do Porto no louvável intuito de contribuir para a imponência dessa conferência nomeou uma comissão que elaborou os trabalhos que a seguir publicamos e que estão destinados a produzir larga discussão pela sua importância.

Plano de ação sindical a desenvolver nas localidades onde o número de trabalhadores seja superior ao dos organizados

Camaradas Conferencistas:

Aproveitando o ensejo de estarmos reunidos em conferência, estudando as bases sobre as quais devem assentar a nossa Federação de Indústria, nós, sem pretendermos impedir a liberdade de pensamento a quem quer que seja, trazemos à vossa atenção um trabalho, embora incompleto, derivado a escassos de tempo com que lutamos, no entanto encerra a nossa maneira de ver a necessidade da ação a desenvolver, pró organização de todos os trabalhadores da indústria téxtil, nas localidades com que esse ramo industrial predomina.

E' do vosso conhecimento que a nossa indústria é uma das mais importantes em Portugal, pelo menos, e consequentemente, uma das que emprega enorme quantidade de trabalhadores de ambos os sexos. E' mau grado nosso verificarmos a situação miserável que esses trabalhadores atravessam, provocada pelo industrialismo egoísta e explorador, que sem ter consideração pelos seus melhores cooperadores, os reduz à mais baixa condição de escravos.

Devido à pouca cultura que no seio dos trabalhadores se tem desenvolvido, elas conservam-se alheias a tudo que diz respeito a progresso, e a desconhece, quais as proveniências das crises de trabalho e mais factores que contribuem para que a sua situação económica se agrave.

Exemplificando:

Tecelões manuais há que condenam o mecanismo em virtude de estes teares se produzir maior quantidade de tecido num dia, do que naqueles em dois e daí esse facto acarretar-lhes enormes prejuízos pela absorção de teias. Se alguém se dispuser a dizer-lhes que as origens das crises de trabalho advêm muito especialmente do egoísmo feroz do industrialismo em não querer perder com a baixa cambial; das anormalizações do horário de trabalho; das serões tanto no inverno como no verão, (alegando os industriais falta de máquinas produtoras de fio) e demais irregularidades de trabalho,—eles não acreditam e continuariam como sempre, alheios a tudo, e ignorando tudo.

Necessidade há, portanto, de se desenvolver de Norte a Sul do País, nas localidades onde existe ramo de indústria téxtil, uma activa e persistente propaganda sindical no sentido de organizar esses trabalhadores em sindicatos profissionais,—únicos organismos que, bem orientados, podem facilmente normalizar as várias deficiências que na indústria se notam, e que são a origem do mal estar económico e social de milhares de trabalhadores.

Para essa propaganda se realizar, necessário se torna o sacrifício dum minoria consciente, que se mantém ainda organizada, desde que para isso os poucos militantes teatrais se disponham também—dando-lhes o exemplo.

A conferência dos sindicatos téxteis da região portuguesa, considerando que a indústria téxtil é uma das que mais sofre com as crises de trabalho constantes, derivado a não possuirem os trabalhadores uma boa organização sindical que estude os problemas mais palpáveis e que se relacionam com a situação económica e social; quando os trabalhadores de todas as outras indústrias, e de vários países, se organizam constituindo um exército formidável disposto a lutar contra o inimigo comum—a burguesia—constataramos que em Portugal os trabalhadores téxteis se conservam inaptos perante tóda essa evolução, que urge desenvolver uma activa e persistente propaganda, tanto oral como escrita, em todas as localidades onde o ramo de indústria téxtil predomina; que para essa propaganda se levada a efeito necessário se torna que todos os trabalhadores téxteis organizados se disponham a contribuir materialmente na medida do possível, em virtude de os organismos centrais não possuirem dinheiro que possam arcar com essas responsabilidades; resolvemos:

1º Organizar dentro dos sindicatos profissionais das respectivas localidades, comissões de propaganda que se dispõem:

a) Editar manifestos de propaganda sindical, incitando os trabalhadores a organizar-se dentro do seu respetivo sindicato e a apontar-lhe os males que advêm da continuação da sua indiferença perante a organização;

b) Realizar sessões de propaganda por fábrica ou por bairros segundo a melhor conveniência;

c) Nas sessões a realizar usarão da palavra os militantes que mais conhecimentos possuam, adoptando uma linguagem compreensiva;

d) Adoptar um método especial na propaganda a fazer de maneira a não ferir a crença de cada um operário que a elas assiste;

e) Demonstrar, simplesmente, a necessidade de se organizarem dentro dos sindicatos profissionais e as vantagens que disso advirão;

2º Os sindicatos que não possuem os fundos indispensáveis para a edição de manifestos e envio de delegados a qualquer localidade limitrofe, encorajarão todos os esforços no sentido de:

a) Nas assembleas gerais da classe, a comissão de propaganda por intermédio dum seu componente, apelará para a consciência dos trabalhadores fazendo-os interessar no plano de organização que a mesma levará a prática (alíneas a, b, c e d);

b) Organizarem-se comissões de auxílio monetário que procurarão a melhor forma de, por intermédio de listas-subscrições,

festas dramáticas, passeios, e excursões, etc., arranjar receita.

3º As comissões de propaganda criadas pelo número 1º trabalhador de comun acordo para melhor coordenação dos trabalhos a realizar na distribuição de listas, etc., etc.

4º Caso os organismos centrais possuam fundos de receita próprios, os sindicatos que mais dificuldades tiverem, recorrerão a um apoio de cujos resultados só a organização lucrará.

A Federação da Indústria Téxtil perante os vários partidos políticos—A questão internacional

Ao ocuparmos nas fileiras da organização sindical o lugar que nos estava reservado, nós teríamos que marcar a nossa posição a lado das restantes Federações de Indústria adherentes à C. G. T., tanto mais neste momento em que os detractores do sindicalismo pretendem dela apoderar-se para satisfação dos seus fins políticos. Nunca é demais repetir o que afirmámos: «que quem quer que seja, trazemos à vossa atenção um trabalho, embora incompleto, derivado a escassos de tempo com que lutamos, no entanto encerra a nossa maneira de ver a necessidade da ação a desenvolver, pró organização de todos os trabalhadores da indústria téxtil, nas localidades com que esse ramo industrial predomina».

Só os factos históricos que nos obrigam a reconhecer que a «Emancipação dos trabalhadores será obra dos mesmos trabalhadores.»

Ontem foram os republicanos que entoando melodias conseguiram ludibriar o povo com uma república mais cruel e mais tirânica do que amante da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Depois para cá, houve os Macdonald em Inglaterra, os Herriot em França, um Stressemann e ainda um Lénine na Rússia dos Sóvietes, e muitos mais socialistas reformistas que mais se irmanam com os Mussolini e Riveras de Itália e da Espanha.

Como ontem foram os republicanos, hoje aparecem-nos os «partidários da frente única do proletariado», e dizendo-se também do povo procuram, com as suas falsas doutrinas, fazer obstrucionismo à evolução dos ideais de Emancipação Humana, que sem reconhecer pâtrias se infiltram no cérebro dos humildes escravos da gleba. Pelas táticas e processos usados pelos referidos «partidários da frente única» nenhuns observaram que são outros «salvadores» que com mais astúcia fazem o jôgo da burguesia, procurando desviar o proletariado organizado sindicalmente do caminho da conquista da sua emancipação. O povo só deve confiar no seu próprio esforço, agindo diretamente contra todas as castas privilegiadas. E por ser assim a Conferência Téxtil Nacional:

Considerando: que o povo trabalhador só poderá encontrar a sua completa felicidade no comunismo livre; que no seio da organização sindical os «falsos políticos» dizendo-se defensores da «frente única» pretendem desmantelá-la adoptando para isso os mais vis e baixos processos; que a Associação Internacional dos Trabalhadores é o único organismo internacional que defende a autonomia do verdadeiro sindicalismo revolucionário cujas finalidades ideológicas, contra tóda a espécie de governos, de autoridades e de políticos, se consubstanciam no Anarquismo; que a organização operária portuguesa, aderente à C. G. T. e simultaneamente à A. I. T. está sendo violentemente combatida pelos automatos da burguesia, deliberada:

1º Reconhecer como únicos métodos de luta a ação que nos apresente o Sindicato Revolucionário, até ao comunismo livre — aspiração máxima de tóda a humildade escrava.

2º Combatir tóda a espécie de políticos que dentro da organização sindical pretendem exercer a sua influência de desagregação e defetismo, e dentro dos sindicatos desenvolver a máxima propaganda no sentido de:

a) Não admitir que dentro dos corpos gerentes dos sindicatos individuais influentes em qualquer partido político ou matéria religiosa exerçam a sua ação fora das objecções demarcadas na presente conferência;

3º Ratificar as resoluções tomadas no Congresso da Covilhã pela maioria esmagadora, no respeitante à adesão à Internacional dos Trabalhadores, dando a sua franca e incondicional adesão àquele organismo.

4º Que todos os sindicatos nas suas respectivas localidades procurem estudar o problema da aprendizagem, regulando-a de modo a não desprezigrar a orientação da Federação demarcada na actual conferência.

Miguel Pinto Moreira, Ernesto Juvenal, Leolindo Ferreira, António Alves de Sá, António de Almeida, Santos Júnior (referente).

1º Reconhecer como únicos métodos de luta a ação que nos apresente o Sindicato Revolucionário, até ao comunismo livre — aspiração máxima de tóda a humildade escrava.

2º Combatir tóda a espécie de políticos que dentro da organização sindical pretendem exercer a sua influência de desagregação e defetismo, e dentro dos sindicatos desenvolver a máxima propaganda no sentido de:

a) Não admitir que dentro dos corpos gerentes dos sindicatos individuais influentes em qualquer partido político ou matéria religiosa exerçam a sua ação fora das objecções demarcadas na presente conferência;

3º Ratificar as resoluções tomadas no Congresso da Covilhã pela maioria esmagadora, no respeitante à adesão à Internacional dos Trabalhadores, dando a sua franca e incondicional adesão àquele organismo.

4º Que todos os sindicatos nas suas respectivas localidades procurem estudar o problema da aprendizagem, regulando-a de modo a não desprezigrar a orientação da Federação demarcada na actual conferência.

5º Sair efusivamente aquele organismo internacional, e comunicar-lhe as resoluções da conferência em pretender travar relações com as suas congêneres, por intermédio do seu secretariado.

6º Incumbrir o delegado da C. G. T. de, no conselho confederal, defender os pontos de vista da Federação, no respeitante a uma ação a desenvolver contra os políticos da espécie. — M. J. de Sousa.

A crise de trabalho — Alguns meios de debelar

Um dos graves problemas que mais afetam as classes trabalhadoras em geral e em especial a indústria téxtil, é as crises de trabalho constantes que atravessa.

Qualquer operação cambial que se premedite, é suficiente para que o industrialismo amedrontado suspenda a laboração das fábricas e atire para a miséria com milhares de trabalhadores.

Por mais reclamações que junto dos poderes constituidos se formularem, no sentido de debelar o mal, nunca este desaparece, nem o governo se interessa verdadeiramente para que ele desapareça. Vejamos como em Lisboa, constantemente, comissões de operários representantes de vários organismos sindicais sobem e descem as escadas dos ministérios, sem outra coisa terem obtido do que promessas que os ministros lhes fazem... E quão doloroso é dizer-lhe: há organismos que, esquecendo as suas tradições revolucionárias, a sua ideologia anti-collorocinista, colaboram com os patrões, com os mesmos causadores da «chômage», e vão junto do governo solicitar-lhes a proteção pautal com manifesto prejuízo da população consumidora.

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática (alíneas a, b, c e d);

b) Organizarem-se comissões de auxílio monetário que procurarão a melhor forma de, por intermédio de listas-subscrições,

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chapeadores Marítimos e Pessoal de Reboadores e Gazolinhas»

E' a colaboração de classe desrespeitando a prática directa do sindicalismo revolucionário

arranjar receita.